

580. MEMÓRIAS DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR II

1. ESCRITORES, CRÓNICA 67 - 5 agosto 2009

A suave agitação das ondas quase um marulhar despercebido por entre as vagas minúsculas que se espraíam na areia, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo guardanapo, pois esqueci-me do companheiro de todas as horas, o bloco de notas Moleskin... Há dias escrevia-me Cristóvão a dizer:

“Obrigado pelas tuas palavras de amizade. E também pelas fotografias que mandaste em devido tempo e nem sequer respondi, do que me penitencio. Quanto à Rosário [Girão dos Santos], tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chego à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”

Muito inferiorizado me julgo, como sofria já com o meu mentor político, também ele ligado aos Açores (Melo Antunes) e outro mentor intelectual (também já falecido) o Zé Augusto Seabra.



Lagoa 2009

Bragança 2009

Se agora encontro neste amigo novo um escritor que se crê maldito porque outros o fizeram assim, um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo, por outro lado, não me revejo nele ao entrar nesta fase adiantada da minha vida com um otimismo que me não é inato. Até hoje nem lhe respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, que estudos de Humanidades não tive, nem meus pais me deixaram e, se sou como sou, a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma mera *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

O tempo tem andado “caramonico”, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o estado de espírito cansado e carente de férias a sério, que não teremos, excetuando quatro dias que no Pico a desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão. É a crise diriam uns, outros - como eu - encolherão os ombros, no mais calamitoso ano da minha carreira de tradutor de mais de trinta anos.

2. AMIGOS ESTIMULANTES, CRÓNICA 68, 6-7 agosto 2009

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando eu lhe disse que nunca mentia ao escrever pois o que saía da minha pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmuntano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que *“nunca mentia ao escrever poesia”*. Seria pela origem transmuntana comum, mais do que qualquer outra coisa, que Torga não sou nem nunca fui, a não ser na expressão de sentimentos reprimidos.

Sei que ele anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um exemplar do modelo base que pretendo (em tamanho maior) para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...aliás foi a “Maré Cheia” que deu a ideia de fazer os Cadernos com a minha visão de forasteiro. Estão eles bem entregues para que deles construa, pedra a pedra, Cristóvão de Aguiar um pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980.

Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse escrito (Crónica 67) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descubro) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus!

De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril do corrente. Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenencilhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato. Um forte abraço do Cristóvão

Ao que respondi como segue:

Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nesgas de areia da ilha (Pópulo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa). Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o governo guarda todas as nossas mensagens, nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia. Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho...

Nunca digas que é demais, pois nunca o será demais enquanto escrever o que penso e sinto, e não ando a fazer favores a ninguém. Não é por minha culpa que os açorianos são uns nabos iletrados ao não te apreciarem, nem tampouco me culpem por serem os portugueses como são. Limito-me (dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios) a fazer o que as secretarias, as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito. Não nutro sonhos políticos aqui ou em qualquer outro torrão terreno, só escrevo o que penso e sinto. Aliás, sempre o fiz, o que me valeu suspensões sem conta em Timor e no resto do mundo, da Lusa ao Público que ajudei a nascer. Deixa-nos ser (eu, Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica.

E afinal têm sido comunistas alguns dos meus melhores amigos, (e tanto quanto sei) sem comerem criancinhas ao pequeno-almoço. Já a minha melhor amiga jornalista australiana, a Zoe Reynolds, era militante dum partido ilegal (lá no meu país) o ACP traduzido como PCA. A amiga da minha mãe da ANI (agência nacional de informação) salazarenta arranjou forma de o meu primeiro livro de poesia sair em 1972, com 32 páginas depois de terem cortado as que faltam para as 100 e era membro do PCP na clandestinidade, bem como o marido que prefaciou esse devaneio juvenil. E, mas recentemente, o editor de alguns livros dos colóquios e meus, o Madruga.

Nunca deixei que a política interferisse nos meus amores e leituras: nos nossos colóquios, na família há todas as cores do espectro, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, encaminhei livros e teorias aos aprendizes da Fretlin e, no entanto, vivi monárquico antes da entrada na Uni, antes me manifestar contra a guerra colonial e organizar coisas com Zeca Afonso, Mário Viegas e outros... Sou um arco-íris descolorado politicamente. Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta, antes isso que pateta e continuo ateu na minha espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século 19. Uma perfeita contradição totalmente coerente. Descansa em paz e em vida. Este não é o ano da tua morte, mas do teu renascimento como Pessoa que Escritor já o és sem o saberes, há muito... Abraço Chrys



Ao contrário de Cristóvão de Aguiar que já deu de caras com um leitor de livros seus em flagrante delito, nunca topi ninguém a ler-me em livro. Nem sei como reagiria! Talvez fosse com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafa. Será por ter poucos livros, decerto, mas se bem que esse encontro de terceiro grau ainda não se tenha verificado, recebi hoje uma crítica literária a sério de uma leitora (a Rosário) que escalpelizou os meus escritos, encontrando coisas que lá plantei e germinaram em flores por mim desconhecidas. Agradei-lhe a imerecida exegese. Fez-me sentir inadequado e sofrido como nunca. Caros amigos Rosário e Manuel

Ignorante já sabia que era, mas tanto nunca imaginei, depois de ler este trabalho onde se discorre longamente sobre um autor que gostava imenso de conhecer, pois deve ser deveras interessante. Quem ouvir a prédica pensa que está diante de uma opus magnum, como lhe chamou a Anna Kalewska, mas apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse e nunca pretendi mais do que partilhar vivências e experiências, conhecimentos avulsos e a granel armazenados no grande celeiro da memória. Que tivessem utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos meus filhos. Agora sei que houve quem se desse ao labor de ler a resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais tenho a dizer que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Ao ler a análise, sinto-me como o parolo pintor de naturezas mortas com sentimento artístico, que se depara com a Capela Sistina e sabe nesse instante que nunca será um Da Vinci.

Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas.

Durante quarenta e cinco anos também sofri calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas.

Abateu-se agora a chuva miudinha, de molha-tolos, o cacimbo que veio acompanhado de nevoeiro, típico da costa sul, em pleno Aquaparque da Vila (Franca do Campo) constringendo a leitura meada da Relação de Bordo II (Cristóvão de Aguiar). O filho, a mãe, a filha mais velha e a neta vieram-se postar-se debaixo do para-sol onde me encontrava há horas. Sim, que nisto de exposição solar, desde que vi amigos australianos vítimas de cancro de pele, sou um sofredor de heliofobia embora não consiga viver sem ele para a minha função clorofilina mental. Curioso, ou assaz irónico, para quem, durante anos, foi escravo do bronzeado. Em Macau, durante o inverno, usava uma lâmpada de infravermelhos para obter o efeito do bronze reacionário do Paulo Portas, esse líder político descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele na moda nos anos setenta.



Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitálicio nº 29 7713 [Australian Journalists' Association - MEEA]



drcrchrystello@journalist.com

Diário de Trás-os-Montes (2005) - Diário dos Açores (2018) - Tribuna das Ilhas (2019) -
Jornal LusoPress, Québec, Canadá (2020) - Jornal do Pico (2021)